



Há um ano, Paulo Ribeiro pôs quatro homens a dar toques numa bola de futebol de saltos altos a partir a loiça toda. "Feminine" estreia-se hoje no Porto.



Nestes saltos da

Dança

Há um ano, Fernando Pessoa era um chão de cimento nas traseiras de um prédio e quatro homens (Miguel Borges, Peter Michael Dietz, Romeu Runa e Romulus Neagu) a dar toques numa bola de futebol, como se não houvesse mais metafísica no mundo.

Agora Fernando Pessoa é uma casa de mulheres (Elisabeth Lambeck, Erika Guastamacchia, Leonor Keil, Margarida Gonçalves e São Castro) a partir a loiça toda, mas a partir a loiça toda como só as mulheres partem: para dentro, sem fazer barulho, com o coração na boca, bem preso aos dentes, para ninguém ter de vir depois apanhar os cacós. Há dois homens a mais nesta casa de mulheres, como havia dois homens a mais nessa futebolada de há um ano: Paulo Ribeiro e Fer-

nando Pessoa voltam a ir a jogo em "Feminine" (estrela absoluta hoje, no Teatro Nacional S. João, Porto).

É a segunda criação seguida (e última, diz ele) em que o coreógrafo relé o "Livro do Desassossego", desta vez para ir à procura do que o maior poeta português do século XX viu nas mulheres. Não viu grande coisa, mas "Feminine" está muito para lá disso: "A energia com que se constrói esta peça é a energia delas, não é a energia do Pessoa e muito menos ainda a energia da Ofélia - a correspondência que eles trocaram não me interessa por aí além. O que o Pessoa pensa das mulheres também não é exactamente recomendável, mas há uma potência sexual muito forte em algumas coisas do Álvaro de Campos que trazemos

para aqui ["Ser o meu corpo passivo a mulher todas-as-mulheres / Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas pelos piratas!"]. De resto, não tinha um programa quando comecei: trabalho sempre muito a partir das pessoas que tenho à frente, e uma delas não conhecia de todo o Fernando Pessoa", explica Paulo Ribeiro ao Ípsilon.

Nem ele, que leu tudo o que tinha a ler, obsessivamente, nos anos 70, conhece Fernando Pessoa de todo: descobriu-o agora, quando foi à procura do que

ele tinha a dizer sobre os homens (para fazer "Masculine", a primeira parte deste díptico) e sobre as mulheres (para fazer "Feminine", que devia ser a parte do meio mas afinal é o fim desta aventura). "O Pessoa tem uma obra tão completa, tão descomunal, em relação ao sentido da vida que estas coisas mais pequenas sobre os homens e as mulheres nos passam um bocado ao lado. Só agora, ao trabalhar com um 'cast' feminino, é que me saltou à vista a maneira como ele fala sobre as mulheres. Mas não fazia sentido construir a peça só à volta da feminilidade em Fernando Pessoa. Não é suficientemente interessante, na verdade", continua.

Fazia sentido construir a peça à volta do que elas tives-





Agora põe cinco mulheres Inês Nadais



as personalidades delas acabam por sair, mas saem muito mais abafadas. O facto de em geral começarem a dançar muito mais cedo do que os homens faz com que o peso da escola e da formação seja muito maior: as mulheres precisam muito mais de ser dirigidas e de ter materiais concretos. Os homens, quando chegam à dança, já tiveram uma outra vida, e isso nota-se no que trazem para o palco”.

“Masculine” alimentava-se justamente desses fantasmas de vidas passadas - fantasmas que eram carnisais, autobiográficos: Miguel Borges a não saber o que fazer com Fernando Pessoa, Peter Michael Dietz a não saber o que fazer com a mudança de voz, Romeu Runa coxo e em lágrimas numa crítica do “El País”, Romulus Neagu à beira de um ataque de nervos a um mês e meio de “O Lago dos Cisnes”, tinha esse lado de exposição um bocado kamikaze de que elas nem sequer se aproximam. Fazem coisas suicidas com estes saltos altos, mas isso é dentro de casa. “Há aqui um ‘parti-pris’ que não sei se é legível mas faz parte da peça: no ‘Masculine’ havia quatro homens que se encontravam num espaço público em que se iam desafiando. Elas não: estão dentro de uma casa, e é aí que as coisas acontecem. Dentro de casa também podemos partir a loiça, é um facto - mas estamos dentro de casa, é a outra escala, tem outro efeito.”

Ao contrário deles, que exibiam com um aparato “kitsch” o facto de não serem campeões em tudo (quanto mais pequenos, mais pessoanos: tantas vezes reles, tantas vezes porcos, tantas vezes vis, tantas vezes sem paciência para tomar banho), elas não se mostram: é por isso que fazem tantas coisas juntas (são raros os solos, aqui). “O unísono, o trabalho em equipa são

**“O unísono,
o trabalho em equipa
são coisas que estão
muito presentes aqui.**

**A peça foi-se
construindo
assim por causa
delas: o colectivo
é a zona onde elas se
entendem melhor”**
Paulo Ribeiro

coisas que estão muito presentes aqui. A peça foi-se construindo assim por causa delas: o colectivo é a zona onde elas se entendem melhor. Em termos de linguagem física e de técnica de dança, quase todas elas vão no mesmo sentido. No ‘Masculine’ tínhamos quatro homens muito diferentes: o Peter-Michael muito ligado ao contacto-improvisação, o Romeu e o Romulus muito técnicos mas com formações totalmente desencontradas, e o Miguel muito construído para o teatro. Eles entendiam-se melhor a divergir”, confirma o coreógrafo.

Os anos 70 dele

Apesar de tudo o que separa “Feminine” de Fernando Pessoa, Paulo Ribeiro acha que foi muito mais longe no texto agora: em “Masculine”, o uni-

verso Pessoa era um bocado como a bola de futebol (não há muito mais metafísica no mundo, era esse o “statement”), “um pretexto para fazer jogos de cena e para libertar aquela testosterona toda”. “Feminine” vai “mais deliberadamente e mais consequentemente” atrás do autor - e mais atrás do que Paulo Ribeiro fez com ele. A banda sonora (de Nuno Rebelo) e os figurinos (de Ana Luena) fixam a dramaturgia da peça nos anos 70, a década em que Paulo Ribeiro mais precisou de Fernando Pessoa para sobreviver: “Isto é meu, é uma coisa secreta, nem sequer sei se elas sabem disto. O Pessoa é um bocado o alicerce da minha nacionalidade porque, como saí de Portugal em 1975, tive ali uma fase em que me vi muito comigo próprio. Para mim, o Fernando Pessoa foi um escritor dessa época, dos meus anos 70, com esse olhar muito de fora para dentro.”

Agora é ele, a olhar para Fernando Pessoa de fora para dentro. É um capítulo encerrado, pelo menos para já. Depois de ter andado de saltos altos em cima dele, Paulo Ribeiro já não tem assim tanta necessidade de uma batalha final com Fernando Pessoa (era a ideia, no início: juntar os elencos de “Masculine” e “Feminine” num espectáculo que fosse a síntese do projecto): “Ia ser complicado ter toda a gente disponível: o Romeu [Runa] entretanto foi para a Bélgica trabalhar com o Alain Platel, e, nos tempos que correm, uma produção com oito ou nove pessoas é financeiramente muito complicada. Acho que isto acaba bem assim. E depois está-me a apetecer fazer composição pura, sem texto, sem nada. É uma coisa que já não me acontece desde os anos 90.”

Ver agenda pág. 44

inça-se

sem para pôr em cima dos textos que estavam na mesa - o “Livro do Desassossego”, os “Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal” e a “Ode Marítima” - e foi aí que Paulo Ribeiro percebeu que os homens nunca ouvem nada e as mulheres não sabem ler mapas de estradas (ou lá que metáfora se costuma usar para dizer que os homens são de Marte e as mulheres de Vénus).

Explosiva vs cristalina

O que ele fez com elas, percebe agora, é uma coisa que não podia ter feito com eles: “Há mesmo diferenças grandes entre o masculino e o

feminino. O ‘Masculine’ tinha uma energia muito exuberante, muito caótica, muito explosiva. Apesar dos momentos de ebulição, o ‘Feminine’ é uma peça muito mais depurada, muito mais rigorosa, muito mais cristalina, o que tem a ver com o facto de nunca ter trabalhado previamente com nenhuma das intérpretes à excepção da Leonor [Keil] e da São [Castro], mas tem sobretudo a ver com a maneira que as mulheres têm de trabalhar”.

Eles falavam para fora, elas falam para dentro (e isso, “ser ‘cocotte’ por dentro / enganar o marido por dentro”, também é muito pessoano): “É muito curioso concluir que





PauloRibeiro